

**CONTO *THE COMPANY OF WOLVES* DE ANGELA CARTER: TRAJETÓRIA
SÓCIO-IDEOLÓGICA REFLETIDA NA VERSÃO DA HISTÓRIA
*CHAPEUZINHO VERMELHO***

**CARNEIRO, Jessica Torquato
Universidade Federal de Campina Grande**

Resumo

Na produção literária, histórias tradicionais são recorrentes pontos de partida para o desenvolvimento de enredos que se baseiam em elementos de histórias já existentes. O conto *The Company of Wolves* é um exemplo desse tipo de intertextualidade, uma vez que é construído a partir de aspectos do clássico *Chapeuzinho Vermelho*, portanto, as duas versões serão utilizadas para esta análise. O objetivo deste trabalho é analisar comparativamente, sob a ótica de CARVALHAL (2006), o papel da avó e o que, de maneira mais ampla, essa personagem representa na versão de Angela Carter, baseando-se em elementos sociais e ideológicos que a juventude ocidental dos anos 1980 vivenciou. Desse modo, lê-se o papel das gerações anteriores e os valores empregados aos seus costumes que são refletidos na literatura.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Chapeuzinho Vermelho, *The Company of Wolves*

Abstract

In literary production traditional stories are a recurring starting points to develop plots based on already existing stories. The shortstory *The Company of Wolves* is an example of this kind of intertextuality, since it is built from aspects of the classic folktale *Little Red Riding Hood*, therefore, these two versions will be used in this analysis. The objective of this work is to comparatively analyse, according to CARVALHAL (2002), the role of the grandmother and what, in a general way, this role represents in Angela Carter's version, based on social and ideological elements that the 1980's youth lived. Thus, to read the role of previous generations and their cultural values reflected in the literature.

Key-words: Comparative Literature, Little Red Riding Hood, *The Company of Wolves*

INTRODUÇÃO

Influências estão por toda parte. A todo o momento nos vemos seguindo caminhos já trilhados, conscientemente ou não. A absoluta originalidade, o pensamento isolado e livre de qualquer reconstrução de elementos anteriores, é um conceito controverso e diversas vezes questionado, especialmente no que diz respeito à produção artística.

No fazer literário muito se discute sobre a inevitável presença do que previamente adentrou a mente de quem escreve, sendo aquilo que é escrito a junção de pedaços do que foi absorvido ao longo do contato com literatura. Portanto, ideias exteriores se conectam às características e maneiras pertencentes a um sujeito, e que, quando literariamente expressas, naturalmente confundem-se e tomam uma forma particular.

A Literatura Comparada é um ramo da literatura que se torna amplamente difundido no século XIX por estar vinculado a uma era em que comparar estruturas e fenômenos semelhantes foi predominante nas ciências naturais. Desse modo, a Literatura Comparada aparece com o propósito de investigar a interrelação entre textos. Como propõe Tania Franco Carvalhal em *Literatura Comparada* (2006) o confronto entre produções literárias análogas deve estimular questionamentos:

Quais as razões que levaram o autor do texto mais recente a reler textos anteriores? Se o autor decidiu reescrevê-los, copiá-los, enfim, relança-los no seu tempo, que novo sentido lhes atribui com esse deslocamento? (p. 11)

As perguntas levantadas por Carvalhal no trecho acima guiarão a minha análise do tradicional conto maravilhoso *Chapeuzinho Vermelho* na versão dos irmãos germânicos Jacob e Wilhelm Grimm publicada no livro *Children and Household Tales* em 1812 e do conto *The Company of Wolves* publicado em 1979 no livro *The Bloody Chamber*, da escritora inglesa Angela Carter, paródia da tradicional história *Chapeuzinho Vermelho*.

Angela Carter ao escrever *The Company of Wolves* lança mão da intertextualidade com um dos contos de fadas mais difundidos na cultura ocidental; originalmente publicado em 1697 pelo francês Charles Perrault no livro *Histoires ou contes du temps passé*, o conto maravilhoso *Chapeuzinho Vermelho* possui inúmeros enredos remodelados tomando como ponto de partida seus elementos textuais. Apesar das muitas versões da narrativa, geralmente segue-se a mesma linha: a menina vestida com

seu capuz vermelho que, a pedido da mãe, tem o encargo de entregar uma cesta com comidas para a avó que está doente, porém, para chegar até lá, ela precisa passar por um caminho arriscado, onde encontra um lobo aparentemente inofensivo.

Os Irmãos Grimm relançaram em 1812 uma versão com modificações consideráveis no desfecho, nela, a Chapeuzinho e sua avó são resgatadas da barriga do lobo por um caçador, diferentemente da versão de Perrault, em que as duas são devoradas pelo animal sem ninguém para salvá-las. A história recontada pelos Irmãos Grimm obteve maior alcance e é tida como o tradicional enredo de *Chapeuzinho Vermelho*, por essa razão a utilizarei para traçar um paralelo com o conto *The Company of Wolves*.

Primeiramente, farei uma breve exposição sobre a dimensão social e ideológica na qual os dois contos estão inseridos; logo após, pretendo investigar em que aspectos dos dois enredos é possível detectar intertextualidade. Em seguida, baseando-me em aspectos gerais dos momentos sociais dos textos, me deterei nos pontos em que a narrativa literária reflete os valores de uma sociedade, pois, a produção artística acompanha as trajetórias ideológicas construídas de geração para geração. Portanto, a análise irá comparar os dois textos e, posteriormente, confrontar elementos do enredo com o contexto social em que se inserem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo literário comparado ao longo da sua trajetória enquanto recurso interpretativo de literatura deixou o seu legado e, ao mesmo tempo, abriu caminhos inovadores, pois, não existe um parâmetro fixo e definitivo do que se investigar com o confronto de textos literários, mas, fluidez de embasamento ideológico para a realização de estudos comparados em literatura.

Dentre as variadas formas de explorar os princípios que servem de guia para a análise comparada, como explicita Tania Franco Carvalhal em *Literatura Comparada* (2006) em sua abordagem histórica e temática sobre os percursos dos estudos literários comparados, lançarei mão da interdisciplinaridade proposta por Jean-Pierre Barricelli e Joseph Gibaldi em *Interrelations of literature* (1982). A compilação de treze artigos proposta pelos autores Barricelli e Gibaldi é considerada uma importante via introdutória dos estudos literários interdisciplinares. A obra *Interrlations of literature*

observa o imbricamento da literatura com outras formas de expressão artística e de conhecimento, como a filosofia, artes visuais, sociologia, música, psicologia, entre outros.

A fusão de texto e contexto social é um modo de análise que passou e ainda passa por mudanças de abordagem. Enquanto alguns, especialmente no século XIX, se valiam do caráter sociológico do texto como um aspecto imprescindível e mais relevante da análise (geralmente com fins não literários); outros, por sua vez, passaram a desatrelar o fazer literário de qualquer condicionamento, principalmente do social. Entretanto, o todo de uma obra não permite que seja adotada radicalmente nenhuma dessas abordagens dissociadas.

O caráter social enquanto segmento de interpretação estética que abrange a dimensão social como fator de arte é vista como a maneira mais coerente de incorporar a sociologia nos estudos literários, segundo o autor Antônio Cândido em *Literatura e sociedade* (2006); apesar da consciência de que o trabalho artístico possui uma relação arbitrária com a realidade, o que, portanto, pode causar incertezas e equívocos quando se pretende analisar obras literárias por um viés social. Entretanto, não significa que o olhar sociológico não seja possível, pois, a produção literária possui fatores sociais como agentes de sua estrutura, e, por isso, é sujeita à interpretação dialética entre texto e contexto.

A investigação literária que pensa o aspecto sociológico como componente relevante para interpretação baseia-se no princípio da obra originária da iniciativa pessoal e das condições sociais, como expõe Antônio Cândido em *Literatura e sociedade*, uma vez que o artista está dissolvido nos desejos e valores do seu tempo, tanto relativo à temática e estrutura do texto, quanto ao próprio papel da literatura, do autor e do público na sociedade vigente.

Cândido (2006) cita as modalidades mais comuns de estudos de natureza sociológica em literatura, dentre eles estão os que

(...) procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos. É a modalidade mais simples e mais comum, consistindo basicamente em estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem nos livros. (p. 19)

A modalidade descrita acima por Cândido baseia-se em uma sociologia elementar, suficiente para traçar paralelos entre costumes, ideologias e valores socialmente difundidos que se refletem no texto literário a partir da observação dos elementos do enredo.

O paralelo entre literatura e valores sócioideológicos encontra nos contos de fada uma vasta esfera de análise, porque essas histórias são repletas de figuras de linguagem, o que permite a interpretação de seus elementos respaldando-se nos valores morais e costumes sociais emitidos por essas narrativas. Por serem principalmente destinados ao público infantil, os contos de fadas carregam em suas figuras de linguagem fatos reais sobre a condição humana, e as crianças situam a sua existência ao que é mostrado nos contos. O psicólogo Bruno Bettelheim discorre sobre alguns contos de fadas tanto populares quanto pouco conhecidos e o que é possível inferir sobre os significados das figuras de linguagem dessas narrativas em *A psicanálise dos contos de fadas* (2002), sendo, portanto, exemplo do confronto entre valores sociais e textos literários, explicitando o modo como a vida em sociedade está presente na produção artística:

Como obras de arte, os contos de fadas tem muitos aspectos dignos de serem explorados em acréscimo ao significado psicológico e impacto a que o livro está destinado. Por exemplo, nossa herança cultural encontra expressão em contos de fadas, e através deles é comunicada à mente infantil. (p. 13)

É temática comum na abordagem social e psicológica proposta por Bettelheim (2002) a latente expressão sexual no enredo dos contos de fada. Ao explorar a história de *Chapeuzinho Vermelho* na versão dos Irmãos Grimm, o autor interpreta as situações vividas pela garota e sua postura diante delas como indícios de maturação psicológica e sexual, ou seja, representa o momento em que a menina começa a transformar-se em uma pessoa adulta. Portanto, é possível ler, com base nos elementos da narrativa, como é encarada a maturidade sexual feminina no conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*.

INSTABILIDADE CULTURAL E IDEOLÓGICA: A SEXUALIDADE

A manifestação artística é um dos principais meios de expressão para o sujeito que fere alguma “lei” instituída por valores e preceitos ideológicos estabelecidos pelo

coletivo social; a arte acaba por tomar a forma do que, em determinado momento, foi um pensamento impulsionado pelo caráter discordante de alguma estrutura que não mais satisfazia à formação ideológica de uma ou de várias pessoas.

Uma das esferas mais controversas da expressão humana é a sexualidade, porém, não é possível atribuir simplesmente essa condição delicada da sexualidade à determinada época ou sociedade, pois, ela não é enxergada de maneira uniforme por todas as pessoas, desse modo, não pode ser dividida pelas fronteiras sociais de certa época. Mas, existe uma homogeneidade de opiniões e de circunstâncias características de algum momento social e, conseqüentemente, representa de maneira generalizada o juízo que o contexto social em questão atribui à sexualidade.

Na arte, o discurso sexual encontra um precioso abrigo para ser manejado. As narrativas *The Company of Wolves* e *Chapeuzinho Vermelho*, analisadas posteriormente no presente trabalho, podem ser situadas em contextos culturais diferentes no que diz respeito à expressão da sexualidade.

No século XVII foi publicado por Charles Perrault o conto maravilhoso *Chapeuzinho Vermelho*, e, dois séculos depois, foi relançado pelos Irmão Grimm no ano de 1812, com modificações no desfecho do enredo, superando a popularidade da narrativa original. O ano de publicação das duas narrativas nos deixam indícios sobre o modo como a sexualidade era, de maneira geral, enxergada no ocidente.

Em *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1988), Michel Foucault considera o século XVII como uma época em que a problematização da sexualidade ascendeu de maneira mais intensa:

Até o final do século XVIII, três códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual a sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. (p.38)

Portanto, a partir da perspectiva histórica de Foucault (1988) sobre a sexualidade, é possível situar o momento social no qual o conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho* dos Irmãos Grimm está inserido: severo monitoramento moral da expressão sexual.

A respeito do contexto social do conto *The Company of Wolves* da autora Angela Carter, publicado no ano de 1979, é possível perceber diferenças consideráveis na forma de ver e viver a sexualidade. O final dos anos 1970 e início dos anos 1980 sentiram os

impactos da revolução sexual do século XX, cujo início percebe-se nos anos 1920 e, depois, mais solidamente a partir dos anos 1950, devido à progressiva naturalidade com que a sexualidade passou a ser vista, acompanhada de perto pela metamorfose do papel feminino na sociedade, tendo como importante fator a descoberta de contraceptivos cada vez mais eficientes. A expressão artística acompanhou o novo jeito de enxergar o sexo, e, desse modo, tornou-se um dos principais veículos de disseminação dos conceitos sobre a nova face da sexualidade.

VESTÍGIOS DE INTERTEXTUALIDADE

Ao confrontar os textos *The Company of Wolves* e *Chapeuzinho Vermelho* é possível perceber diversos elementos parecidos em seus enredos, dessa forma, nota-se claramente o uso que a autora Angela Carter fez da intertextualidade com o tradicional enredo do conto de fadas em questão, principalmente a respeito das personagens, espaço e situações no decorrer da narrativa. Inicialmente, não se nota a relação existente entre os dois textos, porque o começo do conto *The Company of Wolves* concentra a narrativa na figura dos lobos, evidenciando a natureza assassina e sombria desses animais. Em seguida, surgem as personagens que marcam a intertextualidade: a garota vestida em um xale com capuz vermelho e a sua avó.

Como na história original, no conto de Carter a garota do capuz vermelho vive em um vilarejo, e, perto dele, há uma floresta ameaçadora, que esconde tanto a beleza da natureza quanto os perigos dos animais selvagens, mas, ainda assim, ela deve atravessá-la para entregar à sua avó adoentada uma cesta de doces. No seu caminho para a casa da avó, a garota se depara com um homem, que é, na verdade, um lobisomem em sua forma humana, pois, em *The Company of Wolves* a personagem não é um lobo, mas, um lobisomem.

A partir desse encontro, a narrativa de Carter passa a tomar um viés diferenciado no que diz respeito às relações entre as personagens, porém, não deixa de fazer referência a tradicional história de *Chapeuzinho Vermelho*. Nessa diferença de desenvolvimento do enredo de *The Company of Wolves* é onde centralizo esta análise: o rearranjo da história tradicional conferiu às personagens Chapeuzinho, avó e lobo formas diferentes, pois, foram moldados de acordo com ideologias diferentes das que eram vigentes quando a história tradicional foi publicada.

A CHAPEUZINHO VERMELHO DE ANGELA CARTER

No desenvolvimento do conto *The Company of Wolves* observa-se intertextualidade entre espaço e personagens do conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho* em toda a sua extensão, contudo, a partir do encontro da garota com o lobisomem, a história toma outro rumo ideológico.

A primeira parte do conto é dedicada à descrição da natureza brutal dos lobos que habitam uma floresta perto de um vilarejo (“They will be like shadows, they will be like wraiths, grey members of a congregation of nightmare; hark! his long, wavering howl... an aria of fear made audible”); até então não é feita referência alguma ao conto maravilhoso *Chapeuzinho Vermelho*. Somada à caracterização do lobo como um animal impiedoso há também curtos relatos feitos pelo narrador do conto sobre acontecimentos trágicos vivenciados pelos moradores do vilarejo envolvendo o ataque dos lobos, evidenciando o terror que a presença vizinha desses animais provoca.

Esses relatos fazem alusão às comuns lendas de terror narradas sobre acontecimentos sobrenaturais que fazem parte do imaginário popular de vários núcleos culturais no mundo inteiro (“Seven years is a werewolf’s natural span but if you burn his human clothing you condemn him to wolfishness for the rest of his life”), como, por exemplo, a lenda brasileira do Saci Pererê ou o Vampiro do folclore europeu; no conto, o lobisomem é o ser que amedronta as pessoas do vilarejo.

A intertextualidade com o conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho* surge em um segundo momento do conto, quando um dos relatos feitos pelo narrador descreve uma garota bonita vestida em seu xale de capuz vermelho que se apronta para ir fazer uma visita a sua avó adoentada e entregá-la uma cesta com comidas. Na descrição, o momento de transição de criança para mulher é comentado pelo narrador, pois, evidencia o aumento dos seios e a recente chegada da menstruação, dessa forma, ressalta a maturidade sexual da garota.

Depois de entrar na floresta para dar início a sua jornada, ela escuta um uivo, de início se assusta e segura uma faca que trás consigo dentro da cesta, porém, quem aparece nesse momento é um jovem atraente e cortês com um chapéu de caçador; ela se encanta, pois ele não é como os “rustic clowns of her native village”, então, os dois seguem juntos pelo caminho. Ao observá-lo, ela percebe uma bússola no bolso do jovem e, ao perguntá-lo sobre o objeto, ele responde que a agulha da bússola, sempre apontando para o norte, nunca o fez se perder na floresta, ela duvida, e, então, fazem

uma aposta: se ele chegasse antes dela à casa da avó, ela o beijaria; o que não é enxergado pela garota com receio, mas, com entusiasmo (“... she wanted to dawdle on her way to make sure the handsome gentleman would win his wager”).

Enquanto a menina vagueia pela floresta, o rapaz, que na verdade é um lobisomem, chega à casa da avó rapidamente e finge ser a garota para entrar, e, quando está dentro, transforma-se em lobo e ataca ferozmente avó. Algum tempo depois, a menina chega e percebe a ausência da sua avó, no entanto, não demonstra sinais de tristeza ou desespero quando percebe que ela foi devorada pelo lobisomem.

O lobisomem, criatura carnívora e vil, e a menina do capuz vermelho demonstram ter bastante afinidade no conto *The Company of Wolves*; na casa da avó da garota há uma incisiva atmosfera de atração sexual e flerte entre os dois, a despreocupada Chapeuzinho de Angela Carter conquista e se deixa conquistar pelo monstro lascivo que habita a floresta.

A FIGURA DA AVÓ E AS METAMORFOSES IDEOLÓGICAS

Relações intertextuais são geralmente originadas do impulso de criar um arranjo diferenciado partindo de elementos narrativos que pertencem a um texto anterior, logo, retomo os questionamentos levantados por Carvalho (2006), anteriormente citados neste trabalho:

Quais as razões que levaram o autor do texto mais recente a reler textos anteriores? Se o autor decidiu reescrevê-los, copiá-los, enfim, relança-los no seu tempo, que novo sentido lhes atribui com esse deslocamento? (p. 11)

Transfiro, então, essas perguntas para o conto *The Company of Wolves*: que razões levaram a autora Angela Carter a reler o conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*? Que novo sentido lhe atribuiu com esse deslocamento?

Para refletir sobre o manuseio intertextual construído por Angela Carter, tomarei como componente principal a figura da avó dos dois textos em confronto, detendo-me às relações que existem entre essa personagem e o contexto social do momento histórico sobre a expressão da sexualidade.

Uma das diferenças básicas entre os dois enredos está no fato de, no conto maravilhoso dos Irmãos Grimm, a avó e a chapeuzinho serem salvas da barriga do lobo

por um lenhador, enquanto que em *The Company of Wolves* a sentença da avó é servir de alimento para o animal, sem chance de fuga. Partindo do pressuposto de que a avó simboliza os costumes e valores de uma era passada, pode-se atribuir à sua sobrevivência, na versão dos Grimm do início século XIX, o resgate de maneiras de pensar já corroídas, que acabam “engolidas” pelas enérgicas opiniões de uma geração com novos ideais, por sua vez, simbolizada pelo lobo faminto e voraz, que aniquila as suas presas. Logo, percebe-se em *Chapeuzinho Vermelho* dos Grimm o zelo pela recuperação dos valores antigos, porque a avó é retirada da barriga do lobo devorador e, no caso de *The Company of Wolves*, o contrário. Nesse caso, faz-se um paralelo com a expressão sexual, pois, o lobo é geralmente interpretado como símbolo da iniciação sexual da personagem Chapeuzinho.

No conto de Angela Carter, o papel da avó adquire um valor totalmente inverso: o lobisomem a devora e, ainda por cima, sua neta não demonstra pesar algum. Pode-se entender esse traço diferenciado como representativo da indiferença com que as novas concepções da metade do XX sobre a sexualidade enxergam os costumes de uma geração que convivia com o sexo de maneira mais problemática e severa. Desse modo, o despertar sexual no conto maravilhoso é encarado como ameaça, enquanto que no conto *The Company of Wolves* esse despertar é nocivo às ideologias passadas (avó), no entanto, atraente para os mais jovens (chapeuzinho vermelho).

Angela Carter inicia a apresentação da avó evidenciando sua saúde debilitada e a evidente aproximação de sua morte (“Aged and frail, granny is three-quarters succumbed to the mortality the ache in her bones promises her and almost ready to give in entirely.”). Também há referência sobre sua orientação religiosa (“She has her Bible for company, she is a pious old woman”), desse modo, demonstra a fragilidade de uma geração adepta dos princípios religiosos cristãos, constantemente abalados por diferenças ideológicas discordantes de suas normas.

Ao entrar na casa da avó, o lobisomem logo revela seu lado monstruoso e ameaça a vida da velha senhora e não há como escapar (“...you can hurl your Bible at him and your apron after, granny, you thought that was a sure prophylactic against these infernal vermin...”), a vovó vira comida de lobo. Após alimentar-se, o lobisomem tenta apagar os vestígios do que provocou: queima os cabelos da avó, embrulha seus ossos e esconde debaixo da cama, troca os lençóis da cama, pega a bíblia do chão e põe em cima da mesa (“All was as it had been before except that grandmother was gone”), o que demonstra a normalidade com que a morte da avó acontece na narrativa.

Em seguida, a garota chega e encontra o lobisomem dentro da casa, ele bloqueia a sua saída, mas ela não emite grande preocupação. Olhando ao redor ela percebe que sua avó não está e constata algumas mudanças na disposição das coisas da casa (“...for the first time she’d seen it so, the Bible lay closed on the table.”), por exemplo, o modo como a bíblia se encontra, fechada, é um fator que chama a atenção da garota, o que pode-se entender como o declínio dos costumes e valores baseados nas escrituras cristãs sobre a sexualidade. A ausência da avó não provoca desconforto, pelo contrário, propicia o ambiente ideal para que a garota e o lobisomem possam desfrutar da companhia um do outro.

Em *The Company of Wolves*, o lobo, geralmente associado ao despertar sexual de chapeuzinho vermelho, não a amedronta, mas, agrada-a; a garota não foge nem se sente aterrorizada, ela segue as suas vontades e recebe com satisfação os seus impulsos sexuais, o que simboliza o modo com que a geração de jovens ocidentais do momento social em que está inserido. O conto termina com a seguinte frase: See! sweet and sound she sleeps in granny’s bed, between the paws of the tender wolf.

O VALOR DA REFLEXÃO SOBRE COSTUMES E IDEOLOGIAS

Inevitavelmente, somos seres que naturalmente existimos em sociedade. Estamos rodeados pelos pensamentos de outras pessoas mesmo quando estamos sozinhos, pois, a vida em conjunto com outras mentes origina o inconsciente coletivo, o qual rege uma série de normas a respeito das expectativas sociais dos sujeitos, ou seja, modelos de conduta que atravessam a existência das pessoas, os quais variam, por exemplo, dependendo da época ou da região. Portanto, comparar a produção literária com os valores e costumes nos quais se inserem se torna uma atividade preciosa, por exemplo, dentro das salas de aula, por tratar-se de um ambiente em que a observação crítica dos costumes e ideologias é fundamental para a formação do sujeito que olha o seu redor e lê a sua existência através do que a sociedade lhe exprime.

A literatura é um ótimo recurso para suscitar nos alunos a reflexão sobre contextos sociais, porque mexe com o gosto atemporal dos seres humanos pelas narrativas, pelo contar histórias. Logo, sendo toda produção literária inserida em determinada atmosfera social, são curiosas as relações entre valores e costumes que se revelam, especialmente para que o aluno explore o diferente, porque os textos refletem muitas vezes realidades

sociais que ele desconhece. Enxergar outros modelos culturais não como melhores ou piores, mas como baseados em outros preceitos ideológicos que não correspondem ao que o aluno compreende como padrão.

O confronto entre literatura e sociedade quando direciona o pensamento para a compreensão do diferente, do novo ou do antigo, do estranho, do incomum, nos faz meditar sobre a nossa própria vivência e passar a olhá-la como uma das diversas possibilidades que existem em um leque infinito de horizontes, assim, evoca a sensação de não possuímos a maneira única e absoluta de ser.

REFERÊNCIAS

- CARTER, Angela. **The bloody chamber and other stories**. London: Quartet Books, 1979.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4ª ed. São Paulo: Ática, Série Princípios, 2006.
- BARRICELLI, Jean-Pierre; GIBALDI, Joseph, eds. **Interrelations of literature**. New York: Modern Language Association of America, 1982.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

